

CÂNDIDO JUCÁ, o altruísta

Antônio Nunes Malveira
(Pedro II e ABRAFIL)

Cândido Jucá, o altruísta, nasceu em Maranguape em 11 de março de 1865, sendo seus pais, Antônio Bernardo da Silva Jucá, falecido em 12/08/1909, e D.^a Francisca Jovina de Castro Jucá, falecida em 02/01/1892.

Embora Maranguape, na época, tivesse boas escolas, a família Jucá mudou-se para Guaiúba, um lugarejo simples, nas circunvizinhanças, de Pacatuba, onde o ensino era deficiente. Ele aprendeu em casa sob a orientação de sua querida mãe, Dona Francisca Jovina, e, também do caixeiro-viajante, conhecido por Batistão, que visitava, de quando em vez, a localidade através da estrada de ferro Fortaleza-Baturité.

Logo muito cedo mostrou brilhante inteligência e capacidade de assimilação, tanto que aos 14 anos recebeu daqueles que o conheciam o apelido de Professor. Contra a vontade do pai, porém com a aprovação de sua genitora, ele se matriculou no Atheneu Cearense, “fundado pelos irmãos João de Araújo Costa Mendes e Manuel Teófilo Costa Mendes. Ele foi para Fortaleza, estimulado e auxiliado pelo Padre Bruno Figueiredo”. O jovem dedicou-se aos estudos, era sua vocação, apesar de ter vindo à luz no interior do Ceará. No Atheneu concluiu os estudos de Humanidade, em 1883.

O Atheneu Cearense, onde estudava Cândido Jucá, transformou-se num reduto exaltado de abolicionistas e seus diretores demonstravam o sentimento de gratidão com relação aos resgates dos escravos. “E Cândido Jucá participou fervorosamente do movimento em defesa dos pretos, com arrebatção de ânimo e coragem, tanto que em Acarape foi escolhido orador, quando, ali, se encontrava o convidado especial, o grande, José do Patrocínio.”

Dedicou-se ao estudo da História, e Geografia, adquirindo com sacrifício o *Dictionnaire Universal di Histoire et Geographie* de M.M. Bouillet, de mais de 2.000 páginas, revista pelo célebre helenista A. Chassang, publicado, em 1874, pela Librairie Hachette”. Conhecía bem o Francês, mas, com o correr do tempo, sua segunda língua passou a ser o Alemão. Foi examinador de Alemão no Colégio Pedro II. Ele amava a língua de Goethe, e, segundo, seu filho, professor, Cândido Jucá Filho, quando encontrava uma palavra em alemão fora de seu conhecimento, só se tranqüilizava, ao verificar seu significado, afirmação feita a mim e ao Professor Rogério Bessa por seu ilustre filho, em sua própria residência.

Cândido Jucá terminou o curso secundário aos 19 anos, e, logo, em seguida, veio para o Rio de Janeiro com o objetivo de estudar Medicina, onde aportou com 14 mil reais. Aqui, ele não tinha nem parentes nem amigos. Como não dispunha de emprego se tornou em explicador de candidatos à Faculdade de Medicina. À custa de seu

trabalho e como possuía profundo amor aos livros, mesmo com dificuldade, passou a comprar livros de acordo com suas posses: M.M. Bouillet, o *Dictionnaire Universal des Sciences, de Lettres et des Arts*.

Atendendo à sua vocação, à sua vontade, prestou os exames para a Faculdade de Medicina e abandonou o curso no 3.º ano, pois não suportava os hospitais cheios de feridos, e o sangue muito o impressionava. Sentiu que sua vocação seria outra, o magistério, por isso, em 1885, prestou concurso para o Instituto de Surdos e Mudos, conquistando o primeiro lugar. Com sua brilhante inteligência, logo penetrou nos segredos da linguagem articulada; aprimorou-se no assunto, lendo os técnicos alemães, língua que estudou com assiduidade, e, aos vinte e poucos anos, conseguiu dominá-la. Em 1890, ele tornou-se Professor de Português, Francês, Latim e de Alemão.

Segundo o Padre Marcelo Mota Carneiro, cearense, reivindica-se para Cândido Jucá o título de haver sido cronologicamente o primeiro foneticista brasileiro, visto que o “Tratado de Ortofonía” de Felipe Francisco de Sá, introdução gloriosa de seu livro *A Língua Portuguesa* só foi publicado no Maranhão em 1915. Familiarizou-se de tal maneira com o alfabeto da Association International de Phonétique que anotou minuciosamente, em 1904, a importante obra de Guilherme Victor, autor alemão, *Deutsches Lesebuch in Lautschrift (Manual para aquisição de uma pronúncia modelar e perfeita)*. O êxito de Cândido Jucá foi sensacional, tanto que ao criar-se a Cátedra da Linguagem Articulada, ele como candidato, conhecedor profundo do assunto, foi aprovado com distinção. E, de tanto dedicar-se ao Instituto Nacional de Surdos e Mudos, teve velhice precoce, e, em virtude de sua sensibilidade, estava esgotado. Jubilou-se em 1915, transmitindo suas funções ao seu discípulo Saul Borges Carneiro.

Cândido Jucá não apenas foi um notável Educador, mas destacou-se também na Imprensa, escrevendo sobre o Nordeste, pois acreditava no poder sócio-cultural daquele sofrido povo, dizimado pelas terríveis secas, principalmente pela de 1877 que forçou a ida de famílias para o Amazonas, onde muitas desapareceram sem assistência, desprezadas pelo Estado e sobre este fenômeno, ele escreveu no *Correio da Manhã*, tecendo análise da situação, sobressaindo-se com o artigo – Futuro do Nordeste em 13/09/1920. Em 1907 no mesmo jornal em artigo História Triste, em 2 de junho; o escritor amante de sua terra lamentava a calamidade da ausência de chuva que afetava a fauna e flora. Era comum, verem-se pássaros mortos entre os galhos secos das árvores, e cacimbas secas. O escritor, como bom nordestino, nunca se esqueceu daqueles melancólicos fatos.

No *Correio da Manhã* ele deixou um vasto material que, se os dirigentes do Estado, fossem mais patriotas, transformariam aquela produção intelectual em livros, porém para isto, o Estado jamais disporá de verba suficiente.

O Culto dos Heróis, 1903, Espírito das Revoluções, em 1905, o Espetáculo da Miséria, A Luta dos dois Mestres, comentário, onde ele analisa a polêmica filológica entre Rui Barbosa e Carneiro Ribeiro optando pela superioridade de Carneiro Ribeiro

sobre o assunto. Escreveu bons trabalhos, abordando as questões de Ensino e o Ensino da Língua Portuguesa no *Correio da Manhã*, entre os anos de 1897 e 1911.

Cândido Jucá estudou alemão com persistência, aprofundando-se na fonologia da língua de Goethe, tornando-se, assim, um grande professor do ensino da linguagem articulada. E seu trabalho teve um êxito tão grande que o *Jornal do Commercio* no dia 05 de dezembro de 1898, publicou uma intensa matéria sobre o sucesso de seu trabalho. Faleceu no Rio de Janeiro, em 25 de maio de 1929. O féretro saiu da residência da família, na Rua Padre Roma, em Engenho Novo, para o Cemitério de Inhaúma, tinha 64 anos. Foi um cearense ilustre, revestido de uma alma verdadeiramente cristã. E no próximo artigo trataremos mais informações sobre este homem culto e humano que, infelizmente, muitos intelectuais nossos desconhecem, por incrível que pareça.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES, Pe. Marcelo Motta Carneiro, conferência publicada no Anuário da Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro – 1994.

Correio da Manhã, exemplares guardados na biblioteca do Professor Cândido Jucá Filho, atualmente, no Pedro II.

Dicionário Biobibliográfico Cearense do Dr. Guilherme Studart, Fortaleza, Tipografia a Vapor, Rua Barão do Rio Branco, 52 – 1910.